



O Jornalismo e a Comunidade Monte das Oliveiras: breve reflexão sobre práticas e percursos¹

Vângela Maria Isidoro de MORAIS²
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista-RR

Resumo

O presente artigo narra um conjunto de práticas desenvolvidas pelas disciplinas de Jornalismo Comunitário e Redação Jornalística II, da Universidade Federal de Roraima em uma das localidades mais carentes da cidade de Boa Vista, capital de Roraima, a comunidade Monte das Oliveiras. A experiência tornou-se propulsora para refletir as interfaces complexas que envolvem o processo de formação dos futuros jornalistas, o diálogo com diferentes segmentos sociais e o desafio de uma produção multimídia que resultou na elaboração de um jornal mural e do blog “Foca na comunidade”. Os sentidos mobilizados por diferentes atores e perspectivas parecem transbordar o espaço dos dispositivos que a própria experiência promoveu.

Palavras-chave: Jornalismo; Cidadania; Cultura.

Introdução

Sumariamente evocam-se os bastidores de uma proposta que nasceu quase que intuitivamente, tomando contornos de uma transdisciplinaridade³, sem, todavia, assim se efetivar. A opção em narrar esse feito cotidiano no interior das práticas acadêmicas vai à direção do que Walter Benjamin assevera pelos cruzamentos de saberes, de modo simples, como alguém que viaja e tem muito que contar.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p. 197)

Viajamos ao Monte das Oliveiras e as narrativas que também se expressam neste exercício de ordenação do pensamento foram mobilizadas na cotidianidade concreta desta experiência. Ou seja, de partida se espera que o esforço em buscar compreender questões subjacentes ao campo entre acadêmicos de jornalismo e comunidades

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação para a Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), docente do curso de Comunicação Social da UFRR, email: vangela.morais@ufr.br

³ O prefixo *trans*, grifado por Jean Piaget em 1970, remete ao que está entre, através e além das disciplinas.



empobrecidas potencialmente possa criar as condições para transformar a experiência em conhecimento.

No primeiro semestre de 2014, alunos e docentes⁴ das disciplinas de Jornalismo Comunitário e Redação Jornalística II, da Universidade Federal de Roraima, optaram em realizar um conjunto de práticas numa mesma comunidade de moradores da periferia de Boa Vista, denominada Monte das Oliveiras. A ideia se fez de entusiasmo e, nesse sentimento, seguimos ensaiando ante a vontade de interação e o pouco currículo na área.

A comunidade⁵ reúne um conjunto de aspectos que despertaram o interesse, principalmente na direção do que tradicionalmente se afirma como campo de sementeira do jornalismo comunitário. Localizada à margem direita da BR 174 (que conecta o Brasil à Venezuela), o Monte das Oliveiras é um discurso sobre a cidade. “Fora do esquadro” em relação a muitos outros bairros da capital de Roraima, a comunidade se ergue sobre pequenos morros, com passagens e vias de contornos irregulares, forçadas pela ocupação que se deu há cerca de dez anos.

Nesta forma de sociabilidade se passam em revista elementos comuns da pobreza que habita esses locais, a deterioração dos espaços, a segregação, e que podem ser resumidos pela ausência de serviços públicos, na falta de equipamentos e instituições que assegurem cidadania: sem saneamento, sem escola, sem posto médico, sem lazer. O que há em concorrência no Monte das Oliveiras são as igrejas, no total são cinco pequenos templos cristãos, quatro de denominação evangélica (pentecostal) e uma católica, que oferecem o serviço religioso para uma população em torno de 250 moradores. Uma gente formada por uma intensa rede multicultural composta por migrantes de várias regiões do Brasil, roraimenses, índios de diferentes etnias e guianenes. Estes últimos são admiradores do reggae, um som a ocupar os espaços e ruelas, com saída em alto volume do bar do senhor Jurandir, especialmente nos finais de semana.

⁴ Além da autora deste artigo como responsável pela disciplina de Jornalismo Comunitário, a professora Mestre Sandra Gomes esteve à frente da disciplina de Redação Jornalística II.

⁵ O termo comunidade tem sido utilizado com os mais distintos significados, postura esta que segundo Círcia Peruzzo contribui para o esvaziamento ou perda de sua força conceitual. Neste trabalho, a noção de comunidade, além de sugerir delimitação física, foca sobre o compartilhamento social que o próprio ambiente promove ao dinamizar o sentimento de pertença e contradições no contexto histórico e transitório no qual está inserida. Ou seja, as noções balizadores de comunidade, especialmente para refletir as iniciativas de comunicação “[...] Não trazem a perfeição das concepções clássicas de comunidade, mas apresentam características comunitaristas inovadoras.” (PERUZZO e VOLPATO, 2009, p. 151)



Além dos elementos aparentemente oferecidos por essa “realidade exterior”, se observa, aos poucos, os sinais de microrresistência que mobilizam as fronteiras e a rigidez do cenário de fragilidade. O acesso dos acadêmicos e docentes se deu pela via da Associação de Moradores. A entidade elencou algumas iniciativas que, ao longo dos anos, indicam as operações coletivas em favor da melhoria de vida na comunidade, a exemplo da conquista dos serviços de água encanada, energia elétrica e, recentemente, sobre a coleta de lixo e o transporte público.

Todavia, concomitantemente fomos apresentados e atuamos num campo de relações não homogêneo, nem tão pouco harmônico, entrelaçado por interesses e interferências político-partidárias. As marcas associadas das desigualdades e do poder talvez tenham orientado o primeiro conteúdo da lição que o campo nos lembrou. Tais contradições foram mais rapidamente observadas a partir do trabalho desempenhado entre a comunidade e os alunos de Redação Jornalística II.

A velocidade com que os fatos vão sendo percebidos em campo pelos diferentes sujeitos instaura a necessidade de configurar as nossas próprias diferenças em jogo e os desafios de uma pequena empreitada em bloco. Para situar as particularidades desse processo, bem como nortear a trilha, é importante acionar o conceito de cultura.

O antropólogo Clifford Geertz faz uma firme crítica a algumas conceituações de cultura, principalmente àquelas que a inventaria como se esta fosse um conjunto ordenado de modo de vida, de técnicas, de pensamentos, de crenças e hábitos, de comportamentos padronizados, sistematizados. Pensar a cultura é situar o homem numa teia de significados, sendo esta teia a própria metáfora da cultura. É necessário que se busque compreender o seu contexto, possibilidades e impasses.

Além de não investir nos conceitos de cultura como um conjunto de manifestações a preservar, a cultura, para Geertz, é antes de tudo um sistema simbólico, um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras e instruções a governar o comportamento. Nessa perspectiva, o autor defende ainda que o homem depende desses mecanismos de controle para ordenar o seu comportamento.

Do ponto de vista de qualquer indivíduo, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade onde nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo



propósito: para fazer uma construção dos conhecimentos, através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no curso corrente das coisas experimentadas. (GEERTZ, 1978, p.57)

Assim é que nesta teia de significados, a experiência cultural que se forjou no Monte das Oliveiras apontava inicialmente para as nossas próprias distinções. Um grupo de jovens estudantes do curso de jornalismo, em sua maioria, com perfil socioeconômico distanciado das preocupações diárias que assolam as comunidades carentes, põe-se em relação com outro segmento social, até então invisível.

Além disso, no interior do grupo de acadêmicos, as perspectivas – orientadas segundo a fragmentação das disciplinas e a instrumentalização do saber - também indicam as distâncias entre os sujeitos. Internamente, no âmbito do ensino superior de jornalismo, a hiperespecialização disciplinar e o baixo grau de diálogo interdisciplinar se colocavam com uma dificuldade a mais no plano de articulação das atividades discentes na comunidade.

Assim pode-se dizer que os alunos de Jornalismo Comunitário acessaram a comunidade pela oportunidade de exercitar uma prática alternativa ao modelo instituído pelos meios de comunicação massivos e comerciais. Independente das divergências conceituais em torno da expressão ideal para caracterizar o jornalismo no interior das comunidades, inequívoco é o entendimento de que a informação deve ser reiterada como um direito do cidadão, e que fazer parte ativa desse processo, incentivando o protagonismo do morador da comunidade em ser emissor e difusor de conteúdo, constitui a essência do exercício da sua cidadania.

[...] a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2006, p. 9)

Os acadêmicos da disciplina de Redação Jornalística II acessaram a comunidade Monte das Oliveiras por uma outra lógica, a definir procedimentos diferenciados. O conteúdo conceitual a lhes servir de base estabelecia uma relação circunscrita à prática redacional, como uma oportunidade de exercitar a construção da notícia, sua estrutura, suas técnicas, a apuração dos fatos, suas fontes e a convenção do texto jornalístico. A



comunidade tornou-se um grande celeiro de informações a se transformarem em pautas sob diferentes ângulos e abordagens.

Se há uma constância nessas perspectivas discentes é possível que se situe sobre a prerrogativa em perceber o Outro, por suas interfaces, fronteiras e práticas. Um dado importante é que esta diferença de percepção dos estudantes, moldada pela lógica segmentada das disciplinas, ao tempo em que representa um empecilho para a articulação dos sujeitos envolvidos, proporcionou um movimento dinâmico, de modo que os alunos de Redação Jornalística enxergaram de forma mais contundente, por meio das matérias jornalísticas, as contradições internas da comunidade, ao ouvir outras fontes, desvinculando-se mais da narrativa fornecida pelos membros da Associação de Moradores. Já os alunos de Jornalismo Comunitário, ao primar por um arranjo mais coletivo, uma aproximação mais estreita entre os membros da comunidade e os acadêmicos, com decisivo apoio da Associação de Moradores, e visando uma cumplicidade que se refletisse sobre estratégias de jornalismo e cidadania, focaram as contradições mais gerais, as que fazem a mediação entre a comunidade e a sociedade.

Sobre as pessoas da comunidade e as expectativas manifestas acerca da proposta e das atividades que se desenvolveram em seu local de vivência, é possível verificar oscilações que ora acusam um nível satisfatório de compreensão e adesão à proposta, ora arrefecem no entusiasmo, confundindo as ações como outras a mais no campo da assistência social e da política partidária. No mais, a dinâmica cultural universidade-comunidade assinala avanços e recuos, junções e disjunções desse processo.

Relato das práticas: os produtos dessa experiência e suas características

Segundo Michel de Certeau as práticas cotidianas “[...] estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos *procedimentos*. São sistemas de operações e de manipulações técnicas”. (CERTEAU, 2009, p. 103)

Antes de relacionar tais práticas e os produtos técnicos oriundos dessa experiência, é importante apresentar o percurso das ações realizadas pelas duas disciplinas do curso de Jornalismo com a comunidade Monte das Oliveiras. Assim, aporta-se sobre as iniciativas de aproximação que se deram em sentido duplo, da universidade na comunidade e da comunidade na universidade.

Este fluxo de encontros foi inaugurado em abril de 2014 com a primeira visita à comunidade realizada pelas professoras e um grupo de alunos. Recebidos pelos



membros da Associação de Moradores, a tarefa inicial foi a de esclarecer a proposta de trabalho, bem como permitir um conhecimento mais amplo do local, visitando casas e conversando com alguns moradores.

O próximo passo foi no sentido contrário. Os membros da Associação de Moradores Monte das Oliveiras participaram de uma conversa ampliada com alunos das duas disciplinas nas instalações da Universidade Federal de Roraima. O interesse dessa promoção foi o de selar o princípio da reciprocidade da visita e, mais que isso, deixar-nos perceber como sujeitos a partir do nosso ambiente de estudo e trabalho. Na oportunidade, a pauta da conversa versou sobre a história da formação da comunidade e suas dificuldades atuais.

A partir deste momento, as duas turmas de jornalismo foram organizando livremente, com cada docente, o seu acesso à comunidade. Os alunos de Jornalismo Comunitário desenvolveram suas atividades nos sábados à tarde, no dia da semana e turno que melhor se prestou para o contato com um número mais substancial de moradores, em decorrência da folga no trabalho. Os alunos de Redação Jornalística II realizaram técnicas de produção de pauta, com idas avulsas ao longo da semana, buscando fontes específicas na comunidade e fora dela.

Como estratégia de Jornalismo Comunitário foram realizadas três oficinas. O objetivo foi o de colocar pequenos grupos de alunos na condição de ministrantes dessas oficinas junto à comunidade, a fim de preparar com os moradores, um caminho que resultasse na elaboração de um produto de comunicação. Sobre os preparativos para a primeira oficina, transcrevo abaixo anotações do caderno de campo que contextualizam o cenário e os sujeitos envolvidos.

Sábado, 10 de maio de 2014. Cheguei por volta das 16h à comunidade Monte das Oliveiras, seguida pelas alunas Ana Carolinal e Jéssica Laurie e, minutos depois, por Amanda e Lucyane. Fui recebida por Raquel, jovem indígena da comunidade Sucuba que presta serviços como doméstica na casa do líder da Comunidade, Sr. Geraldo. Também na recepção estava a sua filha chamada carinhosamente de Pepita, de 7 anos. A esposa do líder estava em viagem a Manaus para atender emergência de saúde de seu pai. Os dois caçulas gêmeos, de pouco mais de 1 ano de idade, corriam pela pequena casa que se situa na entrada do bairro. Levei uma cesta de produtos de higiene pessoal para sorteio durante festa dos dias da mãe que julguei ser celebrada no dia seguinte, mas depois soube que seria adiada para dar tempo de cumprir outros preparativos. Naquele sábado, muitos pais estavam em reunião convocada pela escola de seus filhos no bairro Monte Cristo. Era o caso de Geraldo. Ele me atendeu ao telefone e disse que iria se atrasar uns dez minutos. Foi o que houve. Carol e Jéssica levaram um



bolo e nossa primeira conversa foi em torno da mesa, o café já havia sido passado, instantes antes, pela também pequena Pepita. Esta menina desempenha funções importantes para a família e foi bastante elogiada na chegada do pai, lembrando as boas referências compartilhadas pelos professores na reunião a que já me referi. Depois de uma breve conversa na cozinha de sua casa, Sr. Geraldo nos levou ao local que deverá sediar nossas oficinas. Um pequeno cômodo com banheiro, com duas portas de ferro, com jeito de ponto comercial, vizinho à padaria da comunidade, bem de frente para a rodovia. O ambiente se ajusta à nossa necessidade de acolher algumas pessoas para trocar ideias sobre a comunicação como estratégia de cidadania, tema da nossa primeira oficina a acontecer no próximo sábado, dia 17 de maio. No mais, faltava confirmar os participantes, saímos em peregrinação, exercitando a comunicação porta a porta, anotando os nomes dos possíveis interessados. Uma chuva leve e persistente lavou o caminho. (MORAIS, 2014)

Na primeira oficina compareceram cerca de 20 moradores. No encontro, além das trocas de informação sobre a temática, restou decidido que o dispositivo que atenderia satisfatoriamente às características da comunidade seria um jornal mural, especialmente por ser esta uma atividade a ser protagonizada pelos moradores que optaram em participar do projeto e pelo baixo custo que a mídia representava. O jornal mural nascia com a destinação de local de sua exposição, a padaria na entrada da comunidade. Com poucos estabelecimentos comerciais e nenhum equipamento público, a padaria foi uma escolha unânime.

A segunda oficina abordou as formas de se fazer um jornal mural. Na participação, além dos acadêmicos responsáveis pela tarefa, um pequeno grupo de pessoas da comunidade. Todavia, se encontrava dentre os presentes duas adolescentes que se empenharam em auxiliar na elaboração do primeiro produto de comunicação da comunidade Monte das Oliveiras: as estudantes Janaína Pedro e Andreia Marco. No final da segunda oficina, o grupo definiu o nome para o jornal (Jornalzinho da Comunidade Monte das Oliveiras) e os assuntos que deveriam constar em sua primeira edição.

A terceira e última oficina foi um momento para acompanhar a realização das atividades planejadas, com suporte dirigido para a elaboração de matérias e registros fotográficos. Esta foi uma oportunidade singular para que se pudesse observar as dificuldades desse fazer. As duas adolescentes da comunidade exercitaram a produção do texto numa escrita manual, em folhas avulsas de caderno, sobre o chão do cômodo que foi cedido para os encontros. Em outra frente, a pequena Nayara, ou Pepita como é mais conhecida, concedia entrevista e ilustrava sua fala com um desenho saído na hora.



Esse material construído com o suporte de acadêmicos de jornalismo da UFRR foi, aos poucos, dando forma e conteúdo ao jornal mural.

O cenário dessa construção em muito remete ao pensamento do sociólogo francês Philippe Corcuff quando se reporta aos fatores constitutivos das realidades sociais. Para o autor, estas realidades são tanto objetivadas quanto interiorizadas, elas “[...] remetem a mundos objetivos (palavras, objetos, regras, instituições...) e se inscrevem em mundos subjetivos e interiorizados, constituídos sobretudo de formas de sensibilidade, percepção, representação e conhecimento” (CORCUFF, 2001, p. 27-28)

No mês de junho novamente uma comitiva da comunidade visita a UFRR, dessa vez com a participação das colaboradoras do jornal mural e membros da Associação de Moradores. Na aula aberta, a intenção foi suscitar um diálogo em que os visitantes externassem a compreensão sobre o projeto e, em pleno movimento de elaboração do produto, refletissem sobre o processo, dinamizando mais uma frente de contatos entre o universo acadêmico e a comunidade.

O encerramento destas ações aconteceu em julho, com a apresentação do jornal mural e do blog “Foca na comunidade”. O Monte das Oliveiras tomou ares de festa. Além do encontro entre as duas turmas de acadêmicos, professores e moradores da comunidade, outras ações foram integradas com o intuito de mobilizar a comunidade e chamar atenção para a importância sobre o que se havia construído em três meses de convivência e a necessidade de ser assegurada a continuidade do projeto. O Sistema Nacional do Comércio montou estrutura para corte gratuito de cabelo; outra equipe, a de saúde, pôs-se a aferir a pressão arterial dos interessados; alunos de jornalismo entreteram as crianças com bexigas em formas de figuras, houve ainda lanche e sorteio de brindes.

O Jornalzinho da Comunidade Monte das Oliveiras fez-se colorido, imagético, dinâmico, dando expressão a um antigo quadro de aviso, com textos a narrar a própria experiência da universidade na comunidade, as pequenas conquistas coletivas e os sonhos de uma criança sobre o seu lugar de vida e o que nele pode ser melhorado. Também compôs este painel, avisos, mensagens às mães da comunidade, chamada para interação dos moradores e a lista de pessoas que dele se ocuparam (expediente).

O blog “Foca na Comunidade”, cujo acesso se faz pelo link http://redacaocomunitaria.blogspot.com.br/2014_07_01_archive.html, reúne um conjunto de treze reportagens tratando sobre a formação da comunidade Monte das Oliveiras, o drama da ocupação e o sonho da casa própria, as questões ambientais, os



aspectos religiosos, a falta de escola e os deslocamentos dos estudantes para outros bairros, as pequenas iniciativas de empreendedorismo local, a falta de lazer, dentre outros.

O Blog foi concebido como plataforma digital a dar visibilidade às ações articuladas entre as duas disciplinas e a comunidade Monte das Oliveiras. Efetivamente, este dispositivo acolheu as matérias produzidas pelos alunos da disciplina de Redação Jornalística II, com baixo aproveitamento sobre as potencialidades interativas que o meio disponibilizou, constando como conteúdo de Jornalismo Comunitário apenas um vídeo sobre o processo de aproximação com a comunidade e suas características gerais.

Considerações Finais

Quais os ensinamentos que podem ser destacados desse conjunto de práticas e procedimentos constituído no interior de uma relação formada por diferentes sujeitos sociais?

A pergunta remete imediatamente ao plano das constatações. Na primeira delas, destaca-se um fragmento de leitura de Homi Bhabha sobre o local da cultura. Ao se reportar ao pensamento da filósofa Hannah Arendt, o autor sublinha um aspecto representativo na nossa experiência fronteiriça entre a universidade e a comunidade Monte das Oliveiras: “Isto está de acordo com Hannah Arendt de que o autor da ação social pode ser o inaugurador de seu significado singular, mas, como agente, ele ou ela não podem controlar seu resultado.” (BHABHA, 1998, p. 34)

A frase é um fio a ligar os propósitos inaugurais em articular uma relação entre diferentes sujeitos e práticas (dentro e fora da universidade) e as inevitáveis modificações que o projeto recebeu ao se moldar no contexto e nas circunstância de sua operacionalidade.

Já se conhecia, de partida, a complexidade da iniciativa. Também eram aguardadas as transformações que dinamizam a zona de contato entre o planejamento e a efetiva ação. Faltava o conhecimento prático de “como fazer”, o *know hall*. Nesse intercurso, o que objetivamente se aguardava? O que de fato resultou?

No plano ideal, a articulação entre as turmas de jornalismo conduziria a situações de diálogos mais intensos, compartilhados. Preservadas as diferenças de pertencimento disciplinar, o encadeamento das ações se daria de modo mais forte e regido em conjunto, a fazer com que as duas turmas conhecessem as suas especificidades, mas se enriquecessem em informação sobre o outro e suas práticas (a turma distinta e a



comunidade), fomentando a troca de ideias, o intercâmbio cultural, o saber além do conteúdo disciplinar.

Este comportamento convergente se refletiria na elaboração dos produtos midiáticos, ou seja, o diálogo que alimentaria as relações entre diferentes sujeitos se inseriria nas técnicas de comunicação. A comunidade, parte ativa desse processo, se sentiria motivada a intervir nos diferentes momentos de construção dessa iniciativa.

Um retorno reflexivo sobre o projeto, sobre nossas atividades, sobre nós mesmos, tende a expor as fragilidades e as forças dessa passagem sobre o fazer. O primeiro aspecto indica que não foi plenamente atendido o propósito da inter ou da transdisciplinaridade. Não se conseguiu efetivar um plano de trabalho conjunto entre as turmas de Jornalismo Comunitário e Redação Jornalística II. Prevaleceu o modelo das disciplinas em seus compartimentos, com disposição em dias e horários diferentes, a dificultar o encontro, a alimentar o ânimo da permanência em zonas de conforto, conhecidas, seguras. Poucos foram os encontros das duas turmas dentro e fora da universidade. Este comportamento também mostrou-se fragmentado no campo, no contato com os moradores do Monte das Oliveiras.

Outro reflexo dessa fragilidade em estabelecer “paredes meeiras” entre as disciplinas e a comunidade recai sobre a concepção dos produtos midiáticos. Em suas respectivas disciplinas, a eficácia teórico-prática esteve assegurada, todavia, se perseguidos os propósitos diferenciados pelo encontro, faltou habilidade para transformar os dispositivos midiáticos em plataformas sinalizadores de uma ação articulada, convergente. Tanto o jornal mural quanto o blog mantiveram uma relação formal, não íntima, como se aguardava.

Parte desses resultados também é devedora de um contexto de comunidade. O Monte das Oliveiras, assim como outras comunidades Brasil afora, é um campo de interesses a dialogar com diferentes segmentos. Nosso contato se deu em ano de campanha eleitoral, num ziguezague de promessas de políticos, demandas comunitárias e percepções distorcidas sobre o trabalho que a universidade apresentava. Em certa oficina fomos questionados sobre os nossos reais interesses e se estávamos a esconder alguma intenção político-partidária. Em outra ocasião, parecia ser isto mesmo o que alguns moradores buscavam na reunião, pelo hábito da comunidade receber ofertas tendo o voto como moeda de troca.

O esclarecimento dessas dúvidas, aliado ao cansaço de uma vida difícil, pode ter incidido sobre a baixa adesão da comunidade nas atividades de comunicação e



jornalismo. Sempre que houve uma frequência de público mais expressiva, outros atrativos estiveram vinculados às oficinas e reuniões, a exemplo do que ocorreu no encerramento das ações.

De todos esses aspectos, o mais grave parece ser a ausência de uma base na comunidade para alicerçar novas iniciativas, com a disponibilidade, inclusive, de recursos financeiros, a fim de não comprometer a continuidade deste e de outros projetos. Do ponto de vista da Universidade, o atendimento de uma ação com essas características condiciona a migrar por outras trilhas que não unicamente o campo do ensino.

Por fim, dois aspectos na análise precisam ser sublinhados: o primeiro, a necessidade de desviar-se de qualquer abordagem que reduza a experiência em termos de “tudo” ou “nada”. É preciso mais que isso, mesmo diante de algumas constatações sobre a difícil tarefa de promover a articulação entre conhecimentos e pessoas.

O outro aspecto, intrínseco ao primeiro, se empenha em destacar a importância de refletir essa experiência, sendo a própria reflexividade um ponto de partida e não um ponto de chegada. É o momento de submeter as operações do cotidiano a outro tipo de lógica, mobilizando novos conhecimentos. Tem-se nessa via a complexidade das práticas a inspirar novo desafio, nova questão teórica.

De maior ganho nessa experiência pode-se seguramente apontar o ensaio sobre as trocas disciplinares e com a comunidade, mediante o esforço em organizar um conjunto de conhecimentos, artesanalmente trançado sobre diferenças culturais importantes. Resta disso, independente da intensidade dos câmbios, como sugere Philippe Corcuff (2001), a convicção de que tais trocas alimentam a renovação da problemática. Ou como diz Michel de Certeau (2009) um percurso que se defronta com as “rupturas instauradoras”, de modo que as fragilidades observadas abalam o resultado das práticas, mas se renovam no desafio de seguir pensando, na inquietude do caráter provisório que rege os instrumentos de análise, os seus resultados científicos, o mundo.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. **No ar da diferença: Mídia e cultura nas mãos da juventude. Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 9, n.1, 2006, p. 8-15.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMg, 1998.



BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**. Construções da realidade social. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PERUZZO, Cicília. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Intercom/Unb, setembro de 2006. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>
Acesso em 25 fev 2014

PERUZZO, Cicília e VALPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferenças. Revista Líbero, SP, vol. 12, n.24, p. 139-152, dez de 2009. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6790/6132>
Acesso em 20 abri 2015.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

VILLAÇA, Nízia. **A periferia pop na idade mídia**. São Paulo: Espaço das Letras e Cores, 2011.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2004.